

ENTREVISTA

ENQUANTO OBRA DE ARTE, A LITERATURA PODE SIM, REVOLUCIONAR

Entrevistada Profa. Doutora Rosane Meire Vieira de Jesus
Entrevista concedida a Edisvânio do Nascimento Pereira ²



Rosane Meire Vieira de Jesus. Ou Rosane Vieira, como assim, é mais conhecida, é natural de Salvador na Bahia; e embora tenha suas origens e formação na Capital baiana têm se tornado uma figura destaque no interior baiano, em especial no Território do Sisal, a partir da sua chegada em Conceição do Coité, no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia em 2011, para atuar como professora permanente no Curso de Comunicação Social.

É comunicóloga formada pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fez Mestra-

² Mestrando em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Endereço Eletrônico: edisvanionascimento@yahoo.com.br

do e Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação, também, da UFBA. Desde de 2011 é Professora na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação Campus XIV – Conceição do Coité, vinculada ao Colegiado de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e Televisão e atualmente é Diretora do mesmo Departamento.

Dentre as suas diversas atividades, participa do Grupo de Pesquisa FEP (Formação em Exercício de Professores), cujo está inserido na linha de pesquisa Currículo e (In) Formação do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Paced/UFBA e do Programa de pesquisa Forma (em) Ação (GEFEP), vinculado ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia/ Campus I. Coordena o grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagem (FEL/CNPq), lotado no Departamento de Educação Campus XIV. Rosane é também professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED/UNEB) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB).

Negra, militante e feminista. Uma lutadora incansável pelo avanço da Universidade, melhoria do ensino e sobretudo, pela democratização do espaço acadêmico e abertura para debates contemporâneos pertinentes ao desenvolvimento da comunidade acadêmica e principalmente, tornando este espaço a cada dia mais leve e mais acessível para o Território do Sisal. Este é um pouco do perfil de Rosane que nesta entrevista fala sobre o ser mulher, negra e feminista que ocupa espaços e abre portas nos embates e enfrentamentos do dia a dia no mundo acadêmico, como faz o uso da literatura como arte, suas estratégias revolucionárias e de resistência.

Nascimento: Como a Senhora define o ser negra, feminista e militante e ao mesmo tempo, aliar essa atuação à academia?

Vieira: Eu acho que não dá para separar a minha posição mesmo, eu estar no mundo feminista, negro, lésbica, da minha atuação na Universidade. Inevitavelmente, tudo que eu faço dentro da Universidade tem uma relação direta com o que eu sou. Porque eu não consigo compreender uma atuação acadêmica sem ser implicada, sem ser engajada politicamente. E a ideia de pesquisadores de gabinete, que estão a margem da sociedade, porque tentam ter uma produção que pretende ingenuamente ser racionalista, objetiva e imparcial, isso para mim não existe. A meu ver, essa pretensa neutralidade, é uma posição política desses pesquisadores e para mim não dá para fazer Universidade sem ser vinculado com as minhas bandeiras sociais, com a relação com os movimentos sociais.

Nascimento: A sua graduação fora em Comunicação Social, depois optou por fazer o Mestrado e o Doutorado em Educação. Com quais perspectivas a Senhora fez esta opção? Fale-nos sobre as suas pesquisas, dissertação, tese...

Vieira: Olha, o meu interesse inicial, foi em comunicação, pelo fato de que eu sempre gostei muito de pensar sobre crítica cultural, crítica de filmes principalmente, de obras fílmicas. E o interesse em educação surgiu, no momento em que eu comecei a discutir mais documentário e percebi o quanto o documentário tem relação forte como ação educativa. Então, fiz Mestrado em educação, com o título "*Aprendizagem frame a frame: fascínios e armadilhas do uso do documentário na práxis pedagógica*"³, tentando compreender

3 Resumo da dissertação: Esta dissertação de mestrado, numa abordagem qualitativa, discute, a partir de relatos e observações diretas, os significados e sentidos que os professores atribuem ao uso do documentário na sala de aula. Bem como analisa sua utilização pedagógica como possibilidade de aproximar, através de uma experiência estética, a educação escolar a uma práxis. Para tanto, investiga a intensa familiarização do espectador-aluno e do espectador-professor com a cultura das mídias, a qual (re)configura os modos de aprender o

como é que os documentários, as suas diversas formas de representação, elas entram na escola, na educação básica de Salvador; aí a minha pesquisa de Mestrado foi muito voltada para o lugar do documentário na rede básica, na escola. Enquanto no Doutorado, com tese intitulada "*Comunicação da experiência fílmica e experiência pedagógica da comunicação*"⁴,

... mundo, de organizá-lo e de expressá-lo devido ao crescente desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação. Historiciza o conceito de documentário e seus nexos com a educação formal. Reconhece a estreita relação entre forma e conteúdo na obra fílmica, examinando as várias formas de representação do documentário como construção estética de uma visão sobre a realidade concreta.

4. Resumo da tese: A aproximação teórica dos conceitos de arte, experiência, comunicação e formação traduz o cerne desta narrativa que intenta construção conceitual da expressão experiência fílmicopedagógica, no sentido de problematizar o movimento existencial da comunicação da experiência fílmica. Este trabalho compreende experiência fílmica tanto na dimensão formativa da recepção quanto da produção de um filme. Com inspiração metodológica da pesquisa-ação existencial de René Barbier e da pesquisa do tipo etnográfico de Marli André, esta narrativa trabalha com o método inventado da pesquisa-ação do tipo etnográfico. Os cenários da pesquisa a-com-tecem nos cursos de Licenciatura em Pedagogia/Ensino Fundamental Séries Iniciais da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, nos municípios baianos de Irecê e de Tapiramutá. Os cenários são acessados pelas pessoas pesquisadas, professores-cursistas ireceenses e tapiramutenses, que participam das seguintes atividades curriculares: 1) em Irecê, três Grupos de Estudos Cinematográficos, Cinema, Aspirinas e Urubus: um estudo sobre o contexto histórico local e global, As horas: Como se ensina a ser menina e O ano em que meus pais saíram de férias: compreendendo a Ditadura Militar brasileira, e o Projeto CineContexto: um registro geo-histórico na tela, no segundo semestre de 2009; 2) em Tapiramutá, o Projeto A-con-tecer documentário: construindo narrativas fílmicas I, no segundo semestre de 2009, e a sua continuação, Projeto A-con-tecer documentário: construindo narrativas fílmicas II, no primeiro semestre de 2010. Sob o pano de fundo das hermenêuticas filosóficas de Hans-Georg Gadamer e da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, são interpretados os diversos textos acessados na observação participante das atividades referidas dos cursos, bem como os textos que emergem dos cenários – críticas fílmicas, vídeos-documentários, Diário de Ciclo, Memorial e discussão em listas online. O

no qual eu abri mais e discuti a experiência estética com obras de arte, na participação da formação docente, na formação de professores em exercício. Então, de que forma a estética, ela atravessa a formação de professores em exercício de dois municípios: tanto em Irecê, quanto em Tapiramutá.

Hoje eu me vejo dentro de um campo, ou melhor, de um entrecampo de pesquisa, que é da comunicação, educação e cultura. Não dá para pensar hoje educação desvinculado das questões, da dimensão de que essa educação acontece numa sociedade de comunicação generalizada e que isso é cultura. Estar nessa sociedade de comunicação generalizada, é culturalmente potente, enquanto ação educativa, tanto em espaços formais, quanto em espaços não formais.

Nascimento: Como poder pensar o uso da literatura como uma máquina de enfrentamento e resistência aos cenários, muitas vezes machistas e patriarcais?

Vieira: Agora sobre a literatura como um enfrentamento a essa sociedade machista, branca, heterossexual, católica... Cristã, melhor dizendo... Olha eu acho que mais de que a literatura, a arte de uma forma geral. Pois a arte ela é mobilizadora de sensibilidades, de inteligibilidades. Então, nesta perspectiva, em que mobiliza o estar no mundo, o ser no mundo, inevitavelmente nos suspende, nos coloca em suspensão, em relação a alguns estereótipos, algum senso comum disseminado, alguns saberes que são construídos

diálogo entre o experienciado nos cenários investigados e o horizonte de perguntas da DesEstética possibilitou à pesquisadora-intérprete interrogar-se quanto à participação pedagógica do filme nos cursos de formação de professores em exercício, em Irecê e Tapiramutá, a partir das possibilidades que a comunicação da experiência fílmica encerra no a-com-tecer pedagógico ao emergir outras experiências que atualizam a formação dos professores-cursistas em um processo educativo menos teleológico e mais experiencial.

historicamente e hegemonicamente, de forma que a gente geralmente naturaliza, entende?

Então a arte mobiliza, questiona essa naturalização de alguns saberes historicamente postos, que nos oprime. Oprime sensibilidades, oprime jeito de ser. Então, a literatura como uma obra de arte, é importante que ela esteja no nosso cotidiano.

Nascimento: É possível fazer uma revolução a partir do uso da literatura? De que forma isso pode acontecer?

Vieira: Enquanto obra de arte, a literatura pode sim revolucionar. Agora eu não acredito numa revolução teleológica, sabe? Algo lá na frente que a gente está disposto a transformar, a mudar, como uma mudança linear e organizada, de algo que não está bom e que vai ficar melhor mais adiante. Eu não acredito nessa revolução de mudança de estruturas, entende?

Eu acredito numa revolução cotidiana. Em que em alguns aspectos você está revolucionando coisas, em outros retroagindo em fim, em uma constante. Eu entendo que a sociedade vive em uma constante ebulição entende? Emergências. Emergências que vão as vezes no sentido das permanências e emergências que vão no sentido das atualizações. E as revoluções a meu ver estão no sentido das atualizações. E o tempo inteiro, a gente não vai ter uma revolução completa, com interessa. Porque a gente não consegue compreender, pelo menos eu não consigo compreender um mundo inteiro, completo, na totalidade. Então, essa revolução totalitária, que abrange uma totalidade, eu acho que é difícil dela ocorrer. Ela é utópica, então dessa forma, a literatura nunca conseguiria. A literatura nas suas variadas dimensões, principalmente as literaturas marginais, elas vão caqueando, rasurando a literatura clássica. Elas vão rasurando as formas que a gente se relaciona com a arte. Isso já é revolucionário. A revolução já está acontecendo.

Nascimento: Qual a relação que a Senhora pode fazer entre o ser militante, negra e feminista, aliado ao uso da literatura? De que maneira a Senhora enxerga o uso da literatura na Universidade? Ela tem sido trabalhada de forma que contribua para a construção de um pensamento crítico, capaz de mobilizar, resistir e construir uma revolução? Ou ainda estamos longe disso acontecer?

Vieira: Sobre essas três perguntas que trata do lugar da literatura na Universidade e a minha atuação como militante e a literatura, olha, eu não tenho muita relação com a literatura assim tão forte.

Como eu falei antes, a minha relação mais forte é com obras fílmicas. Mas assim, eu vou responder de uma forma genérica pen/ sando arte, como obra de arte. A arte na Universidade, é muito deixada de lado, sabe? É muito instrumentalizada, inclusive na pergunta que você faz, o uso da literatura, instrumentaliza a obra de arte. Entende? A gente não usa a literatura, a gente não usa a obra de arte. A gente flui, a gente contempla a obra de arte e nessa contemplação e nessa vivência, experiência estética, a gente pensa sobre o mundo, a gente faz Universidade, a gente faz ciência.

Uma ciência menos racionalista e mais experiencial. Então assim, não é o uso da literatura, ou o uso da arte que vai me dá alguma coisa. Porquê dessa forma você vai pensar arte ou a literatura como um pretexto para algo. Eu acredito, eu penso que a arte ou a literatura em si mesmas, elas já são detonadoras importantes de experiências para a Universidade, como um espaço de produção do conhecimento, como um espaço de vivências e experiências, que geralmente não se vivencia em outros espaços da sociedade, pelas questões mesmo da comunicação e arte de massa que se espalha, então a Universidade tem um espaço, tem um papel importante de possibilitar que os estudantes, técnicos e professores vivenciem a vanguarda, vivenciem mais experiências mais alternativas, de uma arte mais frouxa. De uma arte, melhor do

que pensar arte quanto uma obra acabada, de performances artísticas, entende?

Nascimento: Ao chegar no Território do Sisal para atuar como Professora do Curso de Comunicação, logo se interessou pela pesquisa e pela elaboração de projetos que visibilizassem e potencializassem algumas comunidades no Território. Um exemplo disso, é a Comunidade Quilombola do Maracujá em Conceição do Coité. O que te levou a pensar nesta comunidade? Fale sobre este Projeto, quais os impactos e o que ele pode trazer de contribuições?

Vieira: Olha, sobre o meu projeto que foi executado durante 2013 a 2015. Foram dois anos de projeto que aconteceu lá no povoado, que hoje é uma comunidade remanescente de Quilombo, que é o Maracujá, que fica a 17 quilômetros da sede de Conceição do Coité. O projeto era: *"Tecnologia social da memória e experiência videográfica no povoado Maracujá"*.

A grande intenção do projeto era perceber de que forma a experiência videográfica, ela aproximava, ela participava do processo formativo dos adolescentes daquele povoado, no sentido de criar, ou no sentido de estreitar um laço de pertencimento desses adolescentes no povoado. De se perceberem como fazendo parte de uma história, como um ser sócio histórico. Esse projeto, ele tinha duas dimensões, sendo uma de pesquisa, que geraram alguns artigos e vai gerar um livro, esse ano a gente deve está publicando o livro, com a participação de vários pesquisadores, porque vários pesquisadores participaram do projeto, então eles escreveram os artigos junto com seus ICs; e a gente vai gerar esse livro sobre o povoado.

E, em termos de extensão, a gente conseguiu formar adolescentes na dimensão da pré-produção, produção e pós-produção de vídeo e a gente vai doar equipamentos para eles serem multiplicadores no próprio povoado em relação a isso. A gente ainda não doou porque está esperando o aval da

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) para isso, porque com esse projeto a gente conseguiu quase R\$ 117.000 mil, em recursos que serviram basicamente para montar o laboratório de fotografia que a gente não tinha, do Curso de Comunicação em Conceição do Coité, e, para comprar equipamento para Associação de Moradores da Comunidade do Maracujá.